

A FILOSOFIA DE CONDILLAC E A FUNDAÇÃO DA LINGUÍSTICA MODERNA

THE CONDILLAC PHILOSOPHY AND THE FOUNDATION OF LINGUISTICS MODERN

Jefferson Silva do Rêgo¹

Resumo: Realizamos aqui uma reflexão acerca da filosofia da linguagem de Étienne Bonnot de Condillac, enfatizando, principalmente, sua relação com a fundação da linguística moderna de base saussuriana. Especificamente, numa primeira parte, buscamos caracterizar a natureza empírica da teoria do conhecimento de matriz condillacquiana. Em seguida, tentamos demonstrar qual a importância da linguagem dentro da obra filosófica de Condillac. Por fim, destacamos alguns pontos em comum entre a filosofia da linguagem de Condillac e o pensamento linguístico de Ferdinand de Saussure.

Palavras-chave: Filosofia da Linguagem. Linguística Moderna. Condillac. Saussure.

Abstract: We present here a reflection on the philosophy of the language of Étienne Bonnot de Condillac, emphasizing, mainly, its relation with the foundation of the modern linguistics of base Saussurian. Specifically, in a first part, we seek to characterize the empirical nature of the Condillacquian matrix knowledge theory. Next, we try to demonstrate the importance of language within Condillac's philosophical work. Finally, we highlight some points in common between the philosophy of the language of Condillac and the linguistic thought of Ferdinand de Saussure.

Key-words: Philosophy of Language. Modern Linguistics. Condillac. Saussure.

1. A metafísica clássica e o empirismo radical de Condillac

Como se sabe, o Abade de Condillac foi um iluminista francês do século XVIII, que obteve grande êxito na tarefa de apontar os erros e os vícios da ciência e da filosofia anteriores, todas consideradas por ele pouco confiáveis, visto terem sido constituídas, em grande medida, sem qualquer fundamentação na experiência. É especificamente no *Tratado dos Sistemas* que o Abade realizou esta empreitada de ultrajar a filosofia e a ciência de cunho metafísico até então produzidas, demonstrando, detalhadamente, a inutilidade e a ineficiência

¹ Possui graduação em Letras/Português (2007) pela UFG. Especialização em Educação Integral (2011) e Mestrado em Letras e Linguística (2016) também pela UFG. Membro do grupo de pesquisa IMAGO, da Faculdade de Letras da UFG. E-mail: entrecas@gmail.com

desses sistemas baseados, de modo exclusivo, em princípios inconsistentes, porque abstratos em demasia. A dizer, o *Tratado dos Sistemas* representa uma crítica radical à maneira de se fazer ciência e filosofia mais ou menos assistemática de seus contemporâneos e antecessores imediatos, que se valiam ainda exageradamente da metafísica e da pura especulação em seus empreendimentos investigativos. Trata-se de uma obra que “acaba sendo a longa desmontagem dos grandes sistemas abstratos nos diferentes campos do saber; sistemas que mostram os desvios e mesmo a patologia do espírito humano” (MONZANI, 1993, p. 12).

Ao empreender a classificação dos sistemas ao longo da história da filosofia e das ciências, Condillac constatou que existiram três espécies de princípios, dos quais surgiram três espécies diferentes de sistema: 1) máximas gerais ou abstratas que formam sistemas abstratos, 2) suposições que formam sistemas hipotéticos ou Hipóteses e 3) fatos bem constatados. O que o filósofo chamou de “máximas gerais ou abstratas” são aqueles princípios que, em tese, mostram-se tão evidentes que passam a não sofrer qualquer tipo de questionamento, tornando-se verdades absolutas. Para exemplificar, o Abade menciona a seguinte máxima aristotélica: “é impossível que a mesma coisa seja e não seja”.

O Abade explica ainda que a *La Logique Ou l'Art de penser*, publicada em 1662, por Antoine Arnauld e Pierre Nicole, também é uma obra constituinte dessa maneira de se fazer ciência e filosofia, em que o importante, à moda cartesiana, é fundar os conhecimentos em princípios bastante claros. Os autores trazem alguns exemplos: “tudo o que está contido na ideia clara e distinta de uma coisa pode ser afirmado com verdade”; “A existência, pelo possível, está contida na ideia de tudo aquilo que concebemos clara e distintamente” e “O nada não pode ser causa de coisa alguma”. Na história da filosofia, pelo menos até a filosofia moderna, imperou esse tipo de princípio e esse tipo de filosofia. Foi uma febre entre os metafísicos como Leibniz, cuja vida passou a multiplicar tais máximas. Para o Abade, as “máximas gerais ou abstratas” seriam absolutamente necessárias para pôr ordem nos conhecimentos, porque elas indicam a cada ideia a sua classe. Porém, só por isso, seria incabível considera-las universais, ou mesmo que que sejam vistas como a fonte de nossos conhecimentos e que tenham sido feitas para conduzir a todo e qualquer conhecimento particular. Em resumo, elas são apenas ideias gerais formadas daquilo que há de comum entre várias ideias particulares.

Em relação às “Suposições que formam sistemas hipotéticos ou Hipóteses”, Condillac diz que elas foram muito usadas para explicar as coisas que, de outro modo, seriam inexplicáveis. O Abade acrescenta que as suposições constituíam uma grande ferramenta para quem almejava alcançar a ignorância, posto que resultam da imaginação, da comodidade e

dos sonhos. Bastava uma suposição fazer algum sentido e esclarecer algo sobre algum fenômeno que um filósofo logo aparecia para afirmar ter descoberto o motor da natureza, o sistema universal. Disso nasceu o mito de que a explicação dos fenômenos prova a verdade de uma suposição. Como na primeira classe, os metafísicos foram muito produtivos com esse tipo de filosofia. Valendo-se sempre da imaginação e da fantasia, eles foram se acostumando a utilizar, com muito prazer e facilidade, toda sorte de teorização sobre os fenômenos da natureza. No entanto, adverte Condillac, as suposições não podem ser consideradas como princípios dos sistemas; antes, elas são no máximo princípios disponíveis a quem deseja descobrir os sistemas. “As suposições não são, propriamente falando, senão conjunturas e se temos necessidade de formá-las é porque estamos condenados a tatear” (CONDILLAC, 1979, p.06).

Desse modo, sobre essas duas primeiras espécies de princípios, as máximas gerais e as suposições, comenta o Abade:

Os metafísicos foram tão inventivos nessa segunda espécie de princípios quanto na primeira e, graças aos seus verdadeiros cuidados, a metafísica não encontrou nada mais que possa ser um mistério para ela. Quem diz metafísica diz, na sua linguagem, a ciência das primeiras verdades, dos primeiros princípios das coisas. Mas é necessário convir que esta ciência não se encontra nas suas obras (CONDILLAC, 1979, p. 04).

No capítulo XIV do *Tratado*, “Dos casos nos quais se podem formar sistemas sobre princípios constatados pela experiência”, o Abade falou especificamente do tipo de conhecimento que ele quer ajudar a construir, um conhecimento que busca encontrar seus fundamentos na experiência, no contato direto com a natureza mediante a observação meticulosa e bem direcionada. O filósofo usa todo seu repertório persuasivo para defender que os “fatos bem constatados” são, ou pelo menos deveriam ser, os verdadeiros princípios de toda e qualquer investigação de caráter científico.

Para o iluminista francês, herdeiro de uma tradição filosófica marcada pelo embate entre racionalismo e empirismo, no qual ganharam destaque os nomes de Galileu Galilei, René Descartes, Isaac Newton e John Locke, a natureza consiste em um grande sistema que, por sua vez, seria composto por outros subsistemas. Nesses moldes, caberia à filosofia e às ciências desvendar os sistemas constituintes da natureza, valendo-se, exclusivamente, dos fatos bem constatados como princípio e da análise como método operacional elementar. Ao explicar as razões pelas quais predominaram falsos sistemas fundamentados em máximas gerais ou em suposições, o Abade argumenta que as dificuldades foram aumentando, ao longo da história à medida que os seres humanos foram se esquecendo de cultivar o hábito de

consultar a experiência ao gerar seus conhecimentos, ou seja, desaprenderam a analisar, que é o processo de decompor e recompor os fenômenos estudados.

Afirmou Condillac que, num primeiro momento da história humana, todos os homens e mulheres conheciam o mundo circundante mediante o crivo da experiência. Entretanto, conforme a vida em sociedade foi se desenvolvendo e se tornando cada vez mais complexa, a apreensão da experiência no e com o mundo foi ficando relegada para um segundo plano, visto que a consequente sociabilização dos conhecimentos foi atrofiando a capacidade de os seres humanos darem os sentidos adequados às experiências únicas e exclusivas que os constituem. Nesse ínterim, a metafísica ganhou terreno, e com ela a especulação infundada e a deturpação de todo e qualquer método investigativo. Pela metafísica os homens foram se acostumando a se distanciarem do instinto natural que poderia levá-los, no conhecimento das coisas, do mais simples ao mais complexo, haja vista que a construção do conhecimento científico, como a de qualquer outro tipo de conhecimento, nada mais é do que a reconstituição passo a passo dos processos da natureza:

Quando tiveram os fatos em grande quantidade para explicar os fenômenos dos quais se investigava a razão, os sistemas estavam acabados, de qualquer maneira, por eles mesmos, porque os fatos se teriam arranjados a si mesmos na ordem em que se explicavam sucessivamente uns aos outros. Então, ter-se-ia visto que em todo sistema há um primeiro fato, um fato que é o começo e que, por esta razão, se teria chamado princípio: porque princípio e começo são duas palavras que significam originariamente a mesma coisa (CONDILLAC, 1979, p. 06).

Colocando de outra forma, Condillac esclareceu que existem e sempre existiram muitos fenômenos na natureza. Os homens conseguiram se dar conta de alguns deles. Todavia, outros fenômenos eles sequer suspeitam ou suspeitaram. Por essa falta de hábito de seguir de perto os procedimentos de análise da natureza, os seres humanos desaprenderam a constatar os fatos do mundo natural, o que fez com que seus corpos e mentes se tornassem atrofiados intelectualmente pela ausência de uso. Por vezes, tem-se nas mãos a explicação de vários fenômenos, entretanto, há uma insistência grande em buscá-la em lugares longínquos. Por exemplo, sempre foi um fato bem constatado a lei da gravidade, todavia, foi preciso que Newton a enxergasse para que todos, em seguida, pudessem percebê-la também como um princípio de um fenômeno natural relativamente óbvio. Isso porque os sistemas da natureza são sempre mais antigos do que a filosofia e as ciências que os investigam. É sempre a necessidade que faz com que sua existência seja percebida.

Seguindo o mesmo raciocínio, no capítulo XVI, “Do uso dos sistemas na Física”, Condillac traz a física de Newton para o centro das atenções, colocando-a como o modelo de

se fazer ciência a ser seguido, a dizer, de como construir conhecimentos consistentes do ponto de vista teórico e metodológico, porque sedimentados, não em abstrações e em generalidades, ou seja, em máximas gerais e em suposições, mas também em fatos bem constatados, na relação entre os homens e o mundo ao seu redor.

Fechando o livro com o capítulo XVIII, “Considerações sobre os sistemas ou sobre a maneira de estudar as ciências”, o filósofo ratificou seu posicionamento na defesa de que a produção de conhecimento – em ciência e em filosofia que, no fim das contas, eram a mesma coisa à época – precisava urgentemente sofrer uma verdadeira reviravolta. Para o Abade, a produção de conhecimento precisava deixar de ser essencialmente metafísica e especulativa, na qual sempre imperou o poder da tradição e da autoridade dos grandes filósofos da Antiguidade Clássica, para assumir um compromisso cada vez mais regular com a experiência, ou seja, com uma postura de quem deseja e necessita conhecer o mundo e a natureza pela via do experimento.

2. O lugar da linguagem no pensamento filosófico de Condillac

Relacionado à linguagem verbal humana, outro aspecto que merece destaque é a importância do uso adequado da língua natural na construção dos conhecimentos científicos e filosóficos. Ao longo de todo o *Tratado dos Sistemas*, Condillac destacou que o domínio de uma língua pode levar os homens a pensarem coerentemente, não só porque a língua tornou-se a expressão por excelência do pensamento, mas também porque este ganha em flexibilidade quando estruturado linguisticamente. Esta compreensão culminava, portanto, em postular a existência de uma relação de implicação entre a construção de uma ciência bem fundamentada e a maneira pela qual os homens adquirem e se utilizam de uma língua natural. Quanto maior for o domínio dos recursos disponíveis em uma língua, maiores serão as chances de se conseguir edificar um sistema coerente, isto é, uma ciência que possua objetos e métodos apropriados.

Para demonstrar seu ponto de vista, o filósofo francês lançou mão de uma metáfora, na qual língua e ciência foram colocadas no mesmo patamar, visto que, para funcionarem perfeitamente, ambas precisam de usuários, falantes e cientistas, constantemente atentos a cada detalhe e procedimento. Ou seja, tanto a língua quanto a ciência só podem nascer e se desenvolver sob a luz de um rigor metodológico, o que só é possível quando elas são apreendidas como sistemas completos, em que seus elementos se encontram necessariamente

interligados. “Uma ciência bem tratada é uma língua feita, não há ciência que não deva estar ao alcance de um homem inteligente, porque toda língua bem feita é uma língua que se entende” (CONDILLAC, 1979, p. 40).

Dessa forma, os seres humanos foram aprendendo a guardar os conhecimentos adquiridos ao longo da vida numa rede complexa de ideias gerais e abstratas. Estas só puderam ser guardadas porque foram formatadas em signos linguísticos constituintes de uma língua natural. Assim, à medida que foram adquirindo seus conhecimentos, os homens passaram a distribuí-los em diferentes classes de palavras, dentro de uma morfologia e de uma sintaxe construídas para este fim. Com o passar do tempo, e com o hábito, todo este processo, apesar de, em essência, ser artificial e convencional, passou a parecer cada vez mais natural e espontâneo, a ponto de os homens se esquecerem de que um dia foi possível conhecer por processos não mediados pelas línguas naturais.

Nesse processo de estruturação linguística do conhecimento, as classes menos gerais compreendiam os indivíduos e seriam denominadas de espécies. As classes mais gerais constituiriam os gêneros. Estes, com relação às classes que lhes são subordinadas, tornar-se-iam elas mesmas espécies com relação a outras classes mais gerais. É, pois, por uma classe geral que se deve começar quando se quer representar rapidamente uma multidão de coisas; então, pode-se dizer que ela é, na ótica condillacquiana, um começo ou um princípio. Toda essa realidade complexa causou muita confusão para a grande maioria dos filósofos, para quem as máximas gerais e as suposições seriam os princípios das ciências. Mas o Abade adverte:

Eu repito, portanto: só os fatos bem constatados podem ser os verdadeiros princípios das ciências; e se se tomaram por princípio de um sistema suposições ou máximas gerais é porque, sem se dar conta do que se via, se notou que elas são o princípio ou o começo de alguma coisa” (CONDILLAC, 1979, p. 06).

Segundo esse raciocínio, o trabalho de todo cientista demandaria um nível alto de atenção para com as questões linguísticas imbricadas na tarefa de tornar inteligíveis, para si e para a grande parte dos interlocutores, os fundamentos operacionais e epistemológicos de sua ciência. Uma ciência bem tratada e bem construída não é outra coisa senão um sistema bem constatado e, depois, bem estruturado linguisticamente. Logo, o aprendizado de uma língua materna parece significar aprender a pensar, aprender a elaborar o pensamento, sendo que fazer ciência e filosofia é, em larga medida, explorar ao máximo o pensamento. Em resumo, fazer ciência e filosofia só é possível quando se tem uma língua bem construída intermediando a relação entre seus falantes e sua experimentação da natureza.

A exposição desse raciocínio desvela como Condillac compreendeu a gênese e o desenvolvimento da linguagem verbal humana. Na relação dos homens com o mundo, a construção decorrente de conhecimentos gerou a necessidade de se aperfeiçoar o processamento e a armazenagem de dados primários ou sensações, mecanismos estes que estimularam o desenvolvimento da linguagem de ação, que, por sua vez, deu origem às línguas naturais. Desse modo, em Condillac, o conhecimento é anterior à linguagem de ação. Entretanto, e aqui cabe dar a ênfase necessária, a origem da reflexão e de outras operações mentais complexas coincide com a instituição das línguas naturais:

Portanto, tudo confirmará que só pensamos com a ajuda das palavras. É o suficiente para compreender que a arte de raciocinar começou com as línguas, que só pôde haver progresso na medida em que elas se fizeram e que, conseqüentemente, devem conter todos os meios que podemos ter para analisar bem ou mal. É preciso, portanto, observar as línguas: é preciso até, se quisermos conhecer o que foram em seu nascimento, observar a linguagem de ação segundo a qual foram feitas (CONDILLAC, 1979, p. 104).

É certo que, num período em que o racionalismo era uma das grandes forças ideológicas nos meios intelectuais, de modo a promover uma matematização do conhecimento filosófico e científico, o Abade concebia as matemáticas, sobretudo, a álgebra, como exemplos concretos de línguas perfeitas porque eram consideradas racionais por excelência. “A Álgebra é uma língua bem feita e é a única: aqui nada parece arbitrário. A analogia, que jamais foge, conduz sensivelmente de expressão em expressão. Aqui o uso não tem autoridade” (CONDILLAC, 1979, p. 138).

Todavia, para o Abade, em se tratando da construção de conhecimentos, seja no âmbito do cotidiano, das ciências ou da filosofia, não se faz necessária a instituição de uma língua ideal (criada deliberada e racionalmente por gramáticos e ou filósofos), posto que, além de as linguagens matemáticas já existirem, toda língua natural, em essência, foi instituída coletivamente de modo artificial² e mais ou menos racional, porque, do contrário, toda língua natural seria ininteligível.

(...) as línguas não são um amontoado de expressões tomadas ao acaso, das quais a gente só se serve porque concordou em servir-se delas. Se o uso de cada palavra supõe uma convenção, a convenção supõe uma razão que faz adotar cada palavra, e a analogia, que dá a lei e sem a qual seria impossível entender-se, não permite uma escolha absolutamente arbitrária” (CONDILLAC, 1979, p. 137).

² Não confundir aqui com o conceito contemporâneo de língua artificial. Para Trask (2006), existe distinção na linguística moderna entre línguas naturais e línguas artificiais. As primeiras são aquelas que são ou foram uma língua materna, enquanto que as últimas foram elaboradas deliberadamente para atender a diversos fins comunicativos, porém, sem jamais se converterem em línguas maternas. Em vários momentos de sua obra, Condillac destaca bastante o fator artificial (convencional) do que se chama hoje de línguas naturais.

Ora, entendendo a conexão implacável entre língua e pensamento, Condillac ratificou a relação de implicação entre raciocinar bem e usar bem uma língua natural. Segundo o filósofo, para quem a análise consiste em um método de abordagem caracterizado pelos procedimentos de decomposição e recomposição dos fenômenos da natureza no âmbito da abstração, e a analogia é propriamente as relações de diferenças e semelhanças presentes na análise, falar e raciocinar são as duas partes integrantes de uma mesma arte: “Esta arte é tanto mais perfeita quanto as análises se fazem com mais precisão; e as análises atingem uma precisão tanto maior quanto as línguas são mais bem feitas” (CONDILLAC, 1979, p. 137). Dessa forma, como explana Kossovitch (2011), a análise e a analogia ocupam lugares de destaque na reflexão de Condillac sobre a origem e o desenvolvimento da linguagem e, por tabela, das operações mentais:

Os progressos fazem surgir as agenciadoras análise e analogia; distinguindo ideias, a análise encontra a sua parceira, que forma os signos – imbricadas, formam o método. Constituem-se progressivamente, à medida que as representações e a linguagem de ação, assim como as faculdades do entendimento e da vontade, a ponto de fazer despontar a língua e as ideias abstratas, o juízo e a vontade. Íncias enquanto a natureza domina, tornam-se método quando o artifício desperta. Agenciando, o método é prescritivo e tira a sua força da natureza à qual, superando, prolonga (KOSSOVITCH, 2011, p. 28).

Quanto a essa relação entre linguagem, pensamento e ciência, torna-se importante registrar a influência de Condillac no pensamento linguístico de Friedrich Wilhelm Christian Karl Ferdinand (1767 - 1835), ou o Barão von Humboldt, como ficou conhecido. Além da fama decorrente de suas atividades como aristocrata, diplomata e pensador da política e da educação, Humboldt ganhou notoriedade também nos estudos linguísticos, contribuindo para o desenvolvimento da filosofia da linguagem e da Gramática Comparada. Na obra de Humboldt, língua e pensamento, bem como suas imbricações, são conceitos e questões que aparecem com muita recorrência. Para Sebastião Elias Milani (2012), Humboldt está comprometido com a tarefa de compreender as bases e as razões da evolução das línguas, em conexão com os processos de desenvolvimento gramatical do pensamento humano: “Desse modo, Humboldt utiliza dados relativos a uma visão diacrônica das línguas para melhor estabelecer um ponto de vista sincrônico-teórico sobre a língua (MILANI, 2012, p. 21).

Todavia, para se conseguir um melhor entendimento das ideias de Humboldt sobre língua, pensamento e ciência, faz-se preciso, então, tratar, mesmo que superficialmente, do que ele chamou de nação e espírito nacional. Para o pensador alemão, a nação é um espaço territorial povoado com eventos histórico-culturais que atingem a todos os indivíduos de uma

maneira mais ou menos semelhante. O espírito nacional consiste no conjunto de sensações, hábitos e fatos histórico-culturais a que os indivíduos de uma nação estão conjuntamente expostos. Desse modo, as manifestações do pensamento são sempre resultantes do espírito nacional, isto é, das forças que emanam do coletivo de indivíduos e suas criações. Em Humboldt, a língua é simultaneamente um produto e uma produtora do pensamento. Ou seja, a língua é:

(...) o molde ao qual o pensamento se adapta para sair e é o primeiro produto da sua criação. A partir desse conjunto, a língua é a imagem do espírito nacional: ela reflete tudo o que está na alma dos indivíduos de uma nação; ao mesmo tempo, é através dos indivíduos e seus pensamentos que a língua se refaz constantemente e se renova no espírito nacional presente nos indivíduos (MILANI, 2012, p. 24-25).

Por conseguinte, o que Humboldt fez foi desenvolver e aprofundar a perspectiva de Condillac quanto à relação entre língua e pensamento e ciência. Para ambos os pensadores da linguagem, os componentes dessa relação só podem atuar e existir conjuntamente, como elementos modificadores e revitalizadores um do outro. A saber, o pensamento pressupõe elementos linguísticos para se materializar, ao passo que a língua funciona e se estrutura em razão do pensamento que a povoa e com ela se mistura. Do equilíbrio entre língua e pensamento depende o sucesso das ciências e da nação, ou sociedade, ou cultura, como dizemos atualmente. Desta feita, as expressões das ideias, que são os objetos do pensamento, somente são possíveis quando há recursos linguísticos disponíveis na alma dos indivíduos. Na ausência da língua, as ideias não conseguiriam se formar completamente, ou seja, ficariam no meio do caminho de seu desenvolvimento, não atingindo os níveis mais elevados de abstração, reflexão e plasticidade. Conseqüentemente, a nação estaria perdendo o que tem de mais importante, a riqueza do seu espírito nacional, a inteligência de seu povo:

Quando uma língua atinge um grau elevado de excelência gramatical, isso significa que o povo que a fala está acostumado ao exercício do pensamento abstrato. Invariavelmente, quando uma língua possui recursos que possibilitam qualquer ato de ciência ou filosofia, isso significa que seu povo falante também possui esses elementos (MILANI, 2012, p. 28).

No entanto, se por um lado Condillac estava convicto de que todo conhecimento só poderia se desenvolver adequadamente quando ele se estruturasse linguisticamente, por outro, ele sabia que os homens, em geral, não dominavam plenamente a língua que usavam, seja para falar ordinariamente, seja para instrumentalizar a concepção e a prática de uma ciência. O principal problema a ser enfrentado, então, era a dificuldade de se reeducar, repentinamente, as novas gerações de filósofos e cientistas, tanto no que diz respeito às

concepções científicas vigentes quanto ao uso adequado da língua na geração de conhecimento. Haveria, assim, um descompasso entre a língua falada ordinariamente e a língua que as ciências precisam para se desenvolverem.

Muitas vezes, diz o Abade de forma enfática, os filósofos e cientistas não entendem sequer as próprias palavras que emitem. O saber filosófico e científico, em alguma medida, poderia sofrer menos desse mal em que consiste o discurso vazio e empolado, o malabarismo com as palavras. Todavia, ao que parece, sempre vai existir uma ou mais línguas permeando as relações entre os seres humanos e o mundo que os cerca. Logo, faz-se preciso que este instrumento de mediação seja bem conhecido, em todo seu potencial. Não se sabe uma língua apenas pelo fato de ter visto algumas palavras certa vez, antes, é preciso falá-la, é preciso torná-la familiar, visto que o conhecimento da língua favorece o exercício do pensamento.

Em todo caso, o aspecto da filosofia da linguagem de Condillac, que se mostrou de extrema relevância para os estudos linguísticos contemporâneos, principalmente quando sua obra é posta em perspectiva histórica em relação ao pensamento saussuriano e ao nascimento da linguística moderna, é a reflexão na qual a língua natural, enquanto desdobramento gradual progressivo da linguagem de ação, foi se tornando, para os homens vivendo em sociedade, o meio mais usual de comunicação e, mais do que tudo, o mais potente método analítico de apreensão do mundo. Não por acaso, é assim que o filósofo abre a sua *Lingua dos Cálculos*: “Toda língua é um método analítico. Todo método analítico é uma língua” (CONDILLAC, 1979, p. 137).

Para Condillac, enquanto a linguagem de ação não consegue ser útil à decomposição do pensamento, visto que serve apenas para sanar as necessidades de sobrevivência mais básicas e imediatas, a língua natural, porque composta de signos linguísticos articulados, tornou-se o principal método de análise da natureza. Isto significa concebê-la como um instrumento pelo qual os homens aprenderam a observar e a experimentar as coisas do mundo, classificando-as na medida em que consegue diferenciá-las. “Com efeito, adquirimos conhecimentos apenas na medida em que diferenciamos uma grande quantidade de coisas e notamos melhor as qualidades que as distinguem: nossos conhecimentos começam pelo primeiro objeto que aprendemos a diferenciar” (CONDILLAC, 1979, p. 66-67). Assim, do entendimento deste aspecto de sua obra depende a compreensão da importância do filósofo em relação ao panorama dos estudos sobre línguas e linguagem. Quanto a essa passagem do pensamento linguístico condillacquiano, Kossovitch (2011) esclarece:

O fio que é desatamento sucessivo das faculdades contidas na sensação e na carência, das ideias de que somos capazes, ou dos signos de que necessitamos para a

linearização do sensível, nos conduz da opacidade em que nascemos à distinção terminal. Não há vazios entre os termos: da confusão sensível à taxionomia multiplicam-se os quadros intermediários, cada vez mais distantes do começo, cada vez menos sensíveis, embora sempre ligados à sensibilidade (KOSSOVITCH, 2011, p. 42).

Em outros termos, as línguas naturais, na condição de método analítico, consistem em verdadeiros filtros que os seres humanos utilizam para sentir e para conhecer o mundo. A linguagem que o Abade denomina inata é a linguagem de ação. Ela não pode ser aprendida, porque é o efeito natural e imediato de toda a conformação física dos homens. A um só tempo, ela exprime o que eles sentem. Em não sendo um método analítico, ela não consegue proporcionar a decomposição das sensações, mas apenas evidencia o que nelas contêm. Quando a linguagem de ação se transformou em língua natural, tornou-se possível, então, decompor as sensações e fornecer as ideias, viabilizando o aprendizado da análise da natureza, haja vista que não se consegue fazer essa análise sem a intermediação dos signos linguísticos.

Desde que as línguas, formadas à medida que as analisamos, se tornaram métodos analíticos, concebe-se que nos é natural pensar segundo os hábitos que provem delas. Pensamos através delas: regras de nossos juízos, criam nossos conhecimentos, nossas opiniões, nossos preconceitos. Em suma, criam todo o bem e todo o mal. Sua influência é tal que não poderia ser de outro modo. Elas nos desviam porque são métodos imperfeitos: mas, desde que são métodos, não são imperfeitos em todos os níveis e nos conduzem bem algumas vezes. Não há ninguém que, com a ajuda única de hábitos contraídos em sua língua, não seja capaz de fazer bons raciocínios (CONDILLAC, 1979, p. 109).

No início do século XX, a ideia condillacquiana de língua como método analítico chega a Saussure que, em *seu Curso de Linguística Geral*, ou CLG, também critica a concepção de língua como nomenclatura, ou seja, língua como “uma lista de termos que correspondem a outras tantas coisas” (SAUSSURE, 2006, p. 105). Para o mestre genebrino, são pelo menos três os problemas que tal concepção desencadeia: 1) supõe ideias completamente feitas, preexistentes às palavras; 2) não explica se a palavra é de natureza vocal ou psíquica; e 3) supõe que o vínculo que une um nome a uma coisa é uma operação muito simples e evidente.

Decerto, acreditar que a língua é uma nomenclatura, cabendo a ela tão somente o papel de designar as coisas presentes no mundo empírico, significa dizer que a língua nada mais é do que uma sombra dos objetos do mundo, isto é, uma coleção de nomes que, para existirem, dependem das coisas por eles designadas. É justamente no intuito de esclarecer essa questão que Saussure lançou mão de sua famosa teoria do signo linguístico. Nela, o signo é concebido como uma entidade inteiramente psíquica e composto por duas faces

complementares e dependentes uma da outra: a imagem acústica e o conceito, ou o significante e o significado, como bem explicou Benveniste, em seu ensaio *A forma e o sentido na linguagem*:

Cada uma das unidades de um sistema se define, assim, pelo conjunto de relações que ela mantém com as outras unidades, e pelas oposições onde ela entra; é uma entidade relativa e opositiva, diria Saussure. Abandonamos, então, a ideia de que os dados da língua valem por eles mesmos e são ‘fatos’ objetivos, grandezas absolutas, suscetíveis de serem consideradas isoladamente. Na realidade, as entidades linguísticas não se deixam determinar senão no interior do sistema que as organiza e as domina, e as une em relação umas às outras (BENVENISTE, 1989, p. 22-23)

Para além da complexidade implicada nessa teoria específica, importa, por hora, saber que, em razão dela, Saussure pôde afirmar que a língua não é uma nomenclatura, mas um princípio de classificação. A aceção de língua como princípio de classificação refere-se à faculdade, inerente à condição humana, de simbolizar o mundo. Para Saussure, todos os seres humanos possuem a linguagem, posto que se trata de uma faculdade inata. E é por esta razão que, em situações normais de convívio social, todos conseguem aprender uma língua natural, desde que a ela tenham sido expostos por um certo tempo a partir do nascimento. Por conseguinte, a língua não pode ser entendida apenas como um reflexo das coisas do mundo. Saussure é muito preciso neste ponto. Para que o verdadeiro objeto da linguística se apresentasse nitidamente, fazendo dela uma ciência nos moldes modernos, fazia-se preciso, “inicialmente, colocar-se sobre o terreno da *langue* e tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem”. É assim que ele chega à definição de língua como “um todo em si e um princípio de classificação” (SAUSSURE, 2006, p. 41).

Então, para Saussure, é através da língua que os homens produzem simbolicamente o mundo, submetendo-o sempre à própria organização linguística de que dispõe. É nesse sentido que, tanto para Saussure quanto para Condillac, a forma de sentir e de pensar o mundo é sempre configurada e filtrada, em alguma medida, pela natureza e pela estrutura de uma língua natural. Portanto, a língua como método analítico (de Condillac) e a língua como princípio de classificação (de Saussure), embora sejam duas expressões superficialmente distintas, referem-se, sem sombra de dúvidas, ao mesmo fenômeno observado: entre o mundo e os homens, há sempre uma língua intermediando a relação. Assim concebida, como assevera Benveniste, são tantas as suas atividades que, antes de qualquer restrição quanto à sua utilidade, é preciso reconhecer que “a língua serve para viver” (BENVENISTE, 1989, p. 222).

3. O conceito condillacquiano de sistema e a fundação da linguística moderna

Mediante a leitura do *Tratado dos Sistemas*, percebe-se que o conceito de sistema é de fundamental importância tanto para o entendimento da filosofia de Condillac quanto para a compreensão mais consistente dos estudos linguísticos posteriores. Inspirado pela física de Newton, o Abade defendia que o conceito de sistema deveria ser o alvo e a razão de toda e qualquer investigação sobre a natureza e seus fenômenos. Assim, quanto mais se reduzir o número dos princípios de um sistema, mais este estará perto da perfeição, de modo que o ideal é reduzir esses princípios em um só. Desse modo, “um sistema não é outra coisa que a disposição das diferentes partes de uma arte ou de uma ciência numa ordem onde elas se sustentam todas mutuamente, e onde as últimas se explicam pelas primeiras” (CONDILLAC, 1979, p. 03).

Esse conceito, quanto ao essencial, está presente na fundação da linguística³, aparecendo, de forma marcante, em 1916, no CLG de Saussure, para quem a consolidação da linguística como ciência moderna dependia do estabelecimento de um método de trabalho adequado e da delimitação de um objeto de estudo específico, qual seja, a língua concebida como um sistema demasiadamente complexo, no qual os signos linguísticos que o constituem somente se definem pelas relações que estabelecem entre si, ou seja, pelas funções que desempenham em toda a estrutura da língua.

Ao se comparar os conceitos de sistema presentes em ambos os pensadores, percebe-se que a noção condillacquiana de sistema é reatualizada ou ressignificada em Saussure, sempre que este intenta elaborar sua compreensão de *langue*. Logo, dizer que a língua é um sistema, em Saussure, implica ratificar que nem tudo na língua é arbitrário e aleatório, pois existe nela uma natureza mais ou menos estável e regular. Ou seja, mesmo que não seja concretamente visível ou palpável, há uma estrutura em toda língua natural, estrutura esta que vai muito além de um conjunto de regras gerais sobre seu uso em situações concretas de comunicação.

Aliás, quanto a essa relação entre a filosofia da linguagem de Condillac e a obra de Saussure que inaugurou a linguística dita moderna, vale a pena trazer a contribuição de

³ Em seu *Dicionário de Linguística* (2006), Jean Dubois et al. diz que estrutura, ao contrário do conceito de conglomerado, “é um sistema que funciona conforme a leis (já que os elementos não possuem senão propriedades) e que se conserva ou se enriquece pelo próprio jogo destas leis, sem a contribuição de elementos exteriores ou sem que seja exercida uma ação sobre elementos exteriores. Uma estrutura é um sistema caracterizado por noções de totalidade, de transformações, de auto-regulação”. Conseqüentemente, a estrutura se define por uma série de relações entre os elementos. Ou seja, ela não é nem o elemento nem o todo, mas sempre suas relações constituintes.

Simon Bouquet (2004), para quem o linguista suíço se valeu fartamente dos estudos filosóficos sobre a linguagem típicos do século das Luzes: “Em boa parte, é do pensamento das Luzes – tanto da metafísica dos filósofos quanto dos estudos propriamente linguísticos dos gramáticos – que a metafísica saussuriana é impregnada: é do pensamento das Luzes que ela utiliza, embora os renove, as proposições e o conceitos” (BOUQUET, 2004, p. 179).

Nessa mesma linha de raciocínio, Bouissac (2012) diz que o termo sistema é o que mais aparece nos textos de Saussure, quando este se refere ao seu conceito de língua. Consoante o mestre genebrino, a língua é, essencialmente, um sistema autônomo, detentor de certa consistência interior, um conjunto fechado de relações entre termos que só podem ser compreendidos como valores mutuamente definidos. Ela é a intermediadora por excelência da relação entre os homens e entre estes e o mundo. É a língua que permite aos seres humanos a conceitualização das experiências no mundo, consistindo, pois, em um princípio de classificação, muito mais do que um simples código que viabiliza a comunicação, muito mais do que uma nomenclatura, ou seja, um simples conjunto de sons vocais usado para fazer referência aos objetos reais.

Mesmo atualmente, a depender dos interesses e da disposição dos leitores, a importância e, principalmente, a complexidade da acepção de *langue* como sistema nem sempre são percebidas quando se lê o *CLG*. Mais difícil ainda é perceber tal acepção em suas conexões históricas. Dificilmente, recorda-se que a compreensão de um conceito passa pelo levantamento de suas principais fontes. Assim, alerta Bouissac, mesmo com toda a rigorosidade que lhe era característica e mesmo com todas as metáforas empregadas com fins didáticos, é muito difícil definir reconhecer a *langue* concebida por Saussure:

(...) não é fácil expressar a ideia de *langue* concebida por Saussure porque estamos acostumados a pensar em línguas como coleções de itens lexicais que se referem a objetos e noções, tal como rótulos colados a esses objetos e noções. O próprio Saussure passou sua vida lutando com a dificuldade de articular essa intuição epistemológica, às vezes até duvidando de sua validade, mas voltando a ela por conta da evidência fornecida por sua experiência linguística (BOUISSAC, 2012, p. 134-135).

Voltando ao *Tratado dos Sistemas*, sabe-se que o clima intelectual à época de Condillac estava sob forte influência da física moderna de corte newtoniano, como apontado. Não se pode ignorar que foi Newton quem revigorou o pensamento de John Locke, e que este foi o maior mentor de Condillac e de outros filósofos modernos de inclinação iluminista. A exaltação pelas Luzes indicava a convicção de que, pelo poder da racionalidade, a humanidade poderia se livrar da ignorância de uma vez por todas e, com isso, alcançar níveis

mais elevados de organização social. Dessa maneira, o que sustenta o *Tratado dos Sistemas* é uma concepção racional e estrutural de mundo, como se o universo consistisse numa grande e complexa maquinaria, com suas engrenagens, motores e válvulas. O todo é um incomensurável sistema, composto por outros tantos sistemas menores, em que todos se relacionam de modo interdependente, porque sempre dispostos de forma articulada.

O conceito condillacquiano de sistema, o qual os seguidores de Saussure atualizaram frequentemente como estrutura, pode ter sido a pedra fundamental do estruturalismo enquanto movimento que revolucionou a intelectualidade, principalmente francesa, da segunda metade do século XX. A palavra estruturalismo, como se sabe, não aparece nos textos de Saussure, sendo que o termo estrutura aparece somente três vezes. Todavia, o termo sistema, consoante François Dosse (2007), aparece 138 vezes no *CLG*, que tinha originalmente mais ou menos 300 páginas.

Conforme Dosse (2007), muito embora tenham sido os psicólogos que, no começo do século XX, usaram inicialmente o termo estruturalismo para opor-se à psicologia funcional, o verdadeiro ponto de partida do método em sua acepção moderna, na escala de todas as ciências humanas, provém do desenvolvimento da linguística. Foi, principalmente, a partir dos trabalhos da *Escola de Praga* que os termos estrutura e estruturalismo passaram a ser usados com enorme recorrência. Contudo, como programa fundador e método de abordagem linguística deliberadamente arquitetados, o estruturalismo é reivindicado pelo linguista dinamarquês Louis Hjelmslev (1899 - 1965), o qual fundou, em 1939, a revista *Acta linguística*, cujo primeiro artigo tratava de “linguística estrutural”. Sobre a importância de Saussure e seus sucessores para a fundação do estruturalismo, comenta Dosse:

Se o estruturalismo engloba um fenômeno muito diversificado, mais do que um método e menos do que uma filosofia, ele encontra seu cerne, sua base unificadora, no modelo da linguística moderna e na figura daquele que é apresentado como o seu iniciador: Ferdinand de Saussure. (...) Para compreender o paradigma estruturalista, é necessário, portanto, partir do corte saussuriano, na medida em que o *CLG* foi lido e entendido por toda uma geração como o momento criador. (DOSSE, 2007, p. 81-83, citando).

Em seu sentido mais ampliado, o vocábulo estrutura funcionou como uma senha para boa parte das ciências humanas e cumpriu um papel unificador no pensamento francês. Para além de um método investigativo ou uma teoria restrita a um determinado ramo de pesquisa, o estruturalismo foi um movimento intelectual que representou uma nova maneira de relacionamento com o mundo. Uma nova postura que provocou resultados diferentes, conforme os campos de aplicação: linguística, antropologia, sociologia, filosofia, história, psicanálise, crítica literária, etc. Em todo caso, reclamando certa unidade e coerência, pode-se

vislumbrar algumas recorrências em toda perspectiva autodeclarada estruturalista: “privilegia o signo à custa do sentido, o espaço à do tempo, o objeto à do sujeito, a relação à do conteúdo, a cultura à custa da natureza” (DOSSE, 2007, p. 12).

Ainda parafraseando Dosse (2007), o triunfo do estruturalismo nos anos de 1950 e 1960 foi espetacular na medida em que se identificou com toda a história intelectual francesa a partir de 1945. As razões desse sucesso dependeram essencialmente do fato de que o estruturalismo se apresentou como um método extremamente rigoroso, o que representou uma nova esperança a respeito de certos progressos decisivos no rumo das ciências, em geral, e das ciências humanas, em especial; mas, também, porque o estruturalismo constituiu “um momento particular da história do pensamento suscetível de ser qualificado como o tempo forte da consciência crítica” (DOSSE, 2007, p. 21).

Enquanto expressão de contestação característico de uma época marcada pelo desencanto, pelas barbáries de sorte e natureza diversas, o estruturalismo correspondeu a uma postura de rejeição da cultural ocidental mais tradicional. Dessa forma, em vez da exaltação dos valores ligados ao passado, os estruturalistas começaram a cultivar uma maior sensibilidade para tudo aquilo que sempre ficou de fora da história. Não por acaso, as duas ciências que mais se entusiasmaram com o paradigma estruturalista, a princípio, foram a antropologia e a psicanálise, tanto que privilegiaram o inconsciente, o avesso do sentido manifesto, o reprimido e o inacessível à razão.

Não obstante, como se sabe, o termo estruturalismo aplicou-se e ainda se aplica, conforme os autores envolvidos e conforme os momentos históricos, a escolas linguísticas bastante distintas⁴. A dizer, pode-se usar o termo estruturalismo para designar especificamente uma das escolas estruturalistas existentes. Contudo, pode-se também usar o mesmo termo para indicar a totalidade delas. Nas ciências da linguagem, pelo menos, o termo estruturalismo, quando usado para rotular certo número de escolas diferentes, tem gerado muita confusão, porque acaba promovendo o apagamento das distinções que são essenciais a cada escola.

De todo modo, nos vários estruturalismos linguísticos relacionados, originalmente,

⁴ Conforme Trask (2006), a influência de Saussure fez com que o estruturalismo se tornasse a orientação dominante na linguística europeia. Nos EUA, as ideias estruturalistas foram desenvolvidas de maneira relativamente independente por Edward Sapir e, especialmente, por Leonard Bloomfield. Nos idos de 1940 e 1950, as ideias de Bloomfield foram levadas ao extremo por seus sucessores, no desenvolvimento do que ficou conhecido como estruturalismo norte-americano, “uma abordagem de descrição linguística que foi vigorosa, mas excessivamente dogmática”. A partir de 1960, Noam Chomsky e seus seguidores se rebelaram contra os excessos da escola estruturalista americana, não obstante seu gerativismo, em essência, apresentasse muitos traços estruturalistas contra os quais combatiam. “Na verdade, virtualmente, toda a pesquisa séria do século XX foi estruturalista em seu objetivo, muito embora muitos linguistas contemporâneos continuem a considerar estruturalismo um termo ofensivo”.

com a obra de Saussure, a economia das abordagens recai sobre o funcionamento sincrônico do código. Ou seja, o objeto de estudo é sempre, em última instância, a língua pensada como sistema e estrutura. Torna-se muito importante, nesse sentido, reconhecer quais são as unidades estruturais constituintes do sistema, bem como as relações que existem entre elas. Há, portanto, a admissão de padrões em todos os níveis e categorias de análise: os fonemas se combinam formando morfemas, os morfemas se combinam formando palavras, as palavras se combinam formando sintagmas, os sintagmas se combinam formando orações e sentenças. Estas se combinam formando os textos, e assim por diante. Em cada um desses níveis, as unidades menores se combinam para formar unidades maiores de modo ordenado, sempre obedecendo às regras gramaticais da língua.

Foi devido a essa configuração programática que o estruturalismo de base saussuriana se transformou, para as ciências humanas em geral, no grande modelo a ser seguido. Evidentemente, como é natural em todas as áreas de estudo, muito do que é considerado como estritamente saussuriano pode ser encontrado, de forma mais ou menos clara, na obra de autores do século XIX, como é o caso de Humboldt, ou na obra de autores do século XVIII, como é o caso de Condillac. Contudo, foi preciso surgir o *CLG* de Saussure para que a linguística passasse a ganhar definitivamente a *status* de ciência moderna e, por tabela, segundo Dosse (2007), passasse a funcionar como a ciência-piloto responsável pela reorientação metodológica das ciências em processo de institucionalização, no início do século XX.

(...) o estruturalismo terá sido, nesse plano, o estandarte dos modernos em sua luta contra os antigos. Terá sido o instrumento de uma desideologização para numerosos intelectuais comprometidos, ao ritmo das desilusões da segunda metade do século 20. Conjuntura política particular marcada pelo desencanto, configuração do saber que precisava fazer uma revolução para ver uma reforma bem-sucedida: essa conjunção permitiu ao estruturalismo ser o pólo de convergência de uma geração inteira que descobriu o mundo por trás da grade estrutural” (DOSSE, 2007, p. 22).

Consoante Weedwood (2002), o estruturalismo, no sentido europeu, é um termo que se refere à visão de que existe uma estrutura relacional abstrata subjacente e que deve ser distinguida dos enunciados reais. Apesar da orientação estruturalista de seu trabalho anterior no campo histórico comparativo, Saussure sustentou que, enquanto a linguística sincrônica deveria lidar com a estrutura do sistema de uma língua em um ponto específico do tempo, a linguística diacrônica deveria se preocupar com o desenvolvimento histórico de elementos linguísticos isolados. Dessa maneira, o estruturalismo de matriz saussuriana pode ser resumido em duas dicotomias básicas: 1) *langue* em oposição a *parole* e 2) forma em

oposição a substância, sendo que *langue* fica melhor traduzido como “sistema linguístico”, designando a totalidade de regularidades e padrões linguísticos; e *parole*, por sua vez, pode ser melhor traduzido por “comportamento linguístico”, designando os enunciados reais produzidos pelos falantes de uma comunidade.

Ambas as oposições ou dicotomias saussurianas, como se pode observar, estão relacionadas ao conceito condillacquiano de sistema. Se Condillac disse que as ciências deveriam apontar os vários e diversos sistemas embutidos na natureza, nem sempre visíveis a uma primeira observação, Saussure asseverou que, nos estudos da linguística, o pesquisador deve observar justamente a língua concebida como um sistema, logo, sempre de um ponto de vista sincrônico, em detrimento da abordagem diacrônica das línguas e em detrimento da fala como objeto de estudo.

Por conseguinte, para Saussure, é a condição de sistema formal da língua que lhe permite ser estudada metódica e sincronicamente, diferentemente da fala e do discurso que, por suas irregularidades, fogem à padronização reclamada por todo sistema. Em suma, em Saussure, um signo não tira sua significação de sua relação com o objeto que ele, em tese, representa. Antes, o signo tira sua significação de sua oposição a todos os outros signos presentes no sistema. Uma língua é, por assim dizer, um sistema fechado de formas em mútua oposição, e não um conjunto de conteúdos.

4. Considerações finais

Em Condillac, a teoria do conhecimento e a filosofia da linguagem encontram-se misturadas em muitos aspectos. Nesse sentido, a inovação metodológica de Condillac em sua abordagem da linguagem somente foram possíveis porque estiveram amparadas em sua radicalização do empirismo de matriz lockeana. Um dos maiores avanços apresentados no pensamento linguístico de Condillac consiste na defesa e na tentativa de demonstração de que foi a instituição das línguas naturais o fator que determinou o desenvolvimento das faculdades da alma, ou seja, as atividades cognitivas superiores. Foi em razão dessa inovação que, ao longo do tempo, o estudo científico sobre a linguagem verbal humana passou a ganhar cada vez mais independência em relação a pontos de vista que lhes são exteriores, como o da metafísica e o da filosofia.

Dessa maneira, entre as ideias saussurianas que mais influenciaram o estruturalismo, há esse postulado de que o grande objetivo das ciências, em vez de ficar na superfície das descrições, deveria ser o de estudar e demonstrar os sistemas formais que sustentam e

regulam os fenômenos em observação. Consequentemente, ao ser transportado para as outras áreas do saber, tal postulado colocou em primeiro plano o estudo das formas e das relações, excluindo-se o estudo das substâncias e das qualidades.

Portanto, no intuito de evidenciar o impacto da obra condillacquiana no âmbito dos estudos linguísticos posteriores, faz-se importante ter sempre em mente que os conceitos condillacquianos de sistema e de língua como método analítico foram atualizados posteriormente quando Saussure lançou mão de uma concepção de língua como sistema e de língua como princípio de classificação. É nesse sentido que Condillac pode ser visto como um dos pilares constituintes da linguística moderna e, consequentemente, um dos marcos iniciais do movimento estruturalista.

REFERÊNCIAS

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989
- BOUISSAC, Paul. *Saussure: uma guia para os perplexos*. Trad. Renata Gaspar Nascimento. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BOUQUET, Simon. *Introdução à leitura de Saussure*. Trad. Carlos Salum e Ana Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.
- CONDILLAC, Étienne B. *Tratado dos Sistemas; Tratado das Sensações; Lógica e Língua dos Cálculos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979. (Coleção Os Pensadores).
- DOSSE, François. *História do Estruturalismo: o campo do signo – 1945/1966*. v. 1. Trad. Álvaro Cabral. Bauru, SP: Edusc, 2007.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de Linguística*. Trad. Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- KOSSOVITCH, Leon. *Condillac: Lúcido e translúcido*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.
- MONZANI, Luiz Roberto. O empirismo na radicalidade: introdução à leitura do tratado das sensações. In: CONDILLAC, E. B. *Tratado das sensações*. Tradução Denise Bottman. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1993. p. 7-23.
- MILANI, Sebastião Elias. *Historiografia Linguística de Wilhelm von Humboldt: Conceitos e Métodos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. Trad. Antonio Chelini; José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.
- TRASK, R. L. *Dicionário de Linguagem e Linguística*. Trad. Rodolfo Ilari. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da Linguística*. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

Artigo recebido em: 04/06/17
Artigo aceito em: 22/07/17